

Ressonâncias do objeto

O brincar e o espaço analítico: Fédida, Winnicott e o *fort-da*

Eliana Borges Pereira Leite

As reflexões de Pierre Fédida sobre o *objeu* acrescentam nuances valiosas à concepção da situação analítica como espaço de jogo e de engendramento da teoria em psicanálise - lugar da atividade metapsicológica e do brincar do analista.

“O buscar só pode vir a partir do funcionamento amorfo e desconexo ou talvez do brincar rudimentar, como se numa zona neutra. É apenas aqui, nesse estado não integrado da personalidade, que o criativo, tal como o descrevemos, pode emergir.”¹

D. W. Winnicott

Do mesmo modo que o brincar, a experiência cultural ocorre, tal como é descrita por D. Winnicott, numa região privilegiada do viver humano. Estendendo-se entre o indivíduo e o ambiente na condição de um *espaço potencial*, esta região da experiência tem como referência as vivências de *ilusão* que acompanham os primeiros contatos entre o bebê sustentado no cuidado materno e o meio que o

cerca. A começar pelo próprio seio da mãe, os objetos e fenômenos com que vai se deparando são para o bebê criações suas, ainda que paradoxalmente tenham de lhe ser apresentados para serem encontrados. Este

Eliana Borges Pereira Leite é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientie, mestranda no Núcleo de Psicanálise do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC/SP, e leciona no CEP de São José dos Campos.

duplo movimento de encontrar e criar é essencial para que o ser humano chegue a reconhecer o mundo em sua existência real e possa constituir diferentes sentidos de realidade, subjetiva e objetiva, que correspondem a diferentes experiências de ser. Os efeitos de ilusão, contudo, permanecem como possibilidade em aberto ao longo de toda a vida. O espaço potencial assim inaugurado acolhe uma variedade de fenômenos e objetos cuja natureza interna ou externa, objetiva ou subjetiva não está em questão: o brincar, as artes, a religião, bem como o viver imaginativo e o pensamento científico criador. Assim como a criança em estado de alheamento no brincar, o adulto concentrado na atividade de criação ou pesquisa está em contato com a experimentação intensa, encontrando/criando o mundo, suspenso entre a realidade subjetiva e a compartilhada.

A leitura e a escrita, igualmente, fazem parte das vivências que acontecem neste território de trânsito e transformação, como bem o expressam as palavras de Pontalis: "Uma área de ilusão, que ultrapassa as clivagens do eu e do não-eu, do fora e do dentro: esta também poderia ser uma boa definição da atividade do escritor e do leitor. Através da análise de um paciente, um analista se modifica. De um livro escrito ou lido, saímos diferentes de quem acreditávamos ser."²

Leitura e escrita acompanham desde as origens a atividade dos psicanalistas. O fundador da psicanálise era um leitor voraz e escrevia incansavelmente. Em suas próprias palavras, escrevia para "refazer-se" das exigências intensas da clínica cotidiana.³ Quanto às leituras, de muitas delas encontram-se os traços, alguns mais evidentes, outros mais sutis, em diversas passagens de seus escritos. Filósofos, cientistas e autores da literatura universal, de outras épocas ou seus contemporâneos, foram lidos por

Freud que com eles estabeleceu uma relação na qual talvez se possa hoje, por *après coup*, reconhecer os efeitos da ilusão no sentido a que se referiam as considerações de Pontalis.

Tarde da noite, em seu escritório, Freud lê e escreve, pesquisa e cria, no mesmo estado de alheamento e concentração de uma criança que brinca. Fragmentos de leituras, nar-

A área da ilusão ultrapassa a clivagem do eu e do não-eu, do fora e do dentro.

rativas dos pacientes, lembranças pessoais, um comentário da esposa, uma carta recebida, tudo transita por uma região em que a distinção entre a realidade subjetiva e a compartilhada não está em causa. Tudo pode ser simplesmente o que aparenta ou, talvez, qualquer outra coisa ...

Uma cena que se repete geração após geração, com poucas variações, na medida das diferenças de percurso e de personalidade que marcam os analistas. Os efeitos destes momentos podem permanecer na esfera das experiências privadas da vida de cada um ou podem, por outro lado, germinar em intuições que pedem compartilhamento. Foi assim com Winnicott quando, a partir da leitura de uma nota de Freud de 1911, elaborou sua concepção de que "o bebê e o cuidado materno juntos formam uma unidade". A

nota de Freud estava, de certa forma, "esperando para ser encontrada" e Winnicott fez dela um espaço/tempo de sua própria experiência do qual derivaria toda a sua concepção do desenvolvimento emocional humano.⁴ Muitas de suas observações e conclusões posteriores seriam ignoradas ou mal compreendidas, pois afastavam-se das concepções em voga na comunidade analítica em que estava inserido. Consciente desta incompreensão, o próprio Winnicott menciona filósofos, poetas e teólogos como um grupo que, por vias próprias, teria reconhecido a *área intermediária* da experiência a que se referem suas noções de ilusão, espaço potencial e experiência cultural.⁵

Tarde da noite, em seu escritório, mais um analista envolve-se em suas leituras. Filósofos, poetas e psicanalistas que o antecederam mesclam-se às suas próprias reflexões sobre a clínica. Freud, Lacan, Heidegger, Winnicott ... Mas é nos escritos de Francis Ponge sobre a experiência poética que Pierre Férida encontra o termo *objeu*. O encontro é de tal fecundidade que o leva a produzir um longo texto, incluído em seu livro *L'absence*, de 1978.⁶ O *fort-da*, jogo do carretel descrito por Freud como experiência paradigmática do processo de simbolização, é trabalhado por uma leitura que, tendo no horizonte a noção de *objeu*, pode ir além, desvelando nuances que o aproximam da experiência do brincar enquanto um fazer originário, como é concebido por Winnicott. A contribuição destas reflexões estende-se, por um lado, à situação do encontro psicanalítico concebido como "sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta"⁷ e, por outro, à situação de engendramento da própria teoria em psicanálise, momento em que, em estado de alheamento, concentrado em suas reflexões e leituras, o analista escreve. As ressonâncias possíveis entre estas duas

situações tornam preciosa a leitura do texto de Fédida e é procurando explicitá-las que este artigo se propõe a percorrer suas principais direções de pensamento.

ça pode brincar de deixar cair os objetos” e salienta que o jogo do reter e do soltar, além de instituir o objeto e sua conservação, institui igualmente a possibilidade da falta.

elementos da teoria estão à disposição do movimento associativo do analista, indo ao encontro das experiências vividas por ele na clínica.

O *objeu* apresenta-se como dissolução do conceito, suspensão da forma e da função do objeto.

Trabalho do sonho, trabalho do jogo

O termo *objeu*, criado pelo poeta francês Francis Ponge, comporta em sua formação uma especificidade que se empobrece na tradução. Constituído por uma fusão de *objet* e *jeu* (objeto e jogo), ele realiza um salto metafórico em que *jet* (de jogar longe, ou jogar fora, do verbo *jeter*) transforma-se em *jeu* (de jogar um jogo, brincar, *jouer*). Ao tomá-lo por empréstimo, Fédida assinala que, de início, a criança joga todo e qualquer objeto. A ação de jogar (*jeter*) ignora ou transgride os limites de forma e funcionalidade do objeto. Assim aparece o brincar, que é então, originariamente, brincar de jogar. O *objeu* apresenta-se nesta dissolução do conceito, nesta suspensão da forma e da função do objeto e é da natureza de um *acontecimento*. Tem suas fontes nas experiências da criança com as sensações de reter e soltar, de prender ou deixar cair, experiências que vão adquirir sentido de desprendimento e separação importantes para que etapas fundamentais do desenvolvimento, como o desmame, possam acontecer. Fédida lembra que, para Winnicott, “o desmame ocorre quando a crian-

Na poesia e na arte o mesmo jogo se atualiza e no lugar do objeto pode estar a palavra. Os limites impostos pelos conceitos são transgredidos e palavras e objetos encontram na poesia e na arte sua “verdade de coisa”, sua materialidade. É assim que Dali pode pintar um relógio que escorre de uma superfície e que os poetas surpreendem com usos inesperados da palavra. Uma operação de desinstrumentalização prática e desfuncionalização social do objeto leva Fédida a considerar que se possa falar de um *trabalho do jogo*, próximo da concepção de *trabalho do sonho*. Assim como, no sonho, os restos diurnos estão recortados de seus contextos e disponíveis à figurabilidade, no jogo o objeto encontra-se suspenso de sua forma e função, à disposição do brincar.

Na mesma direção, o autor encaminha o que deve ser, em sua opinião, o esforço teórico do psicanalista. A elaboração metapsicológica corre o risco de tornar-se pura abstração discursiva e para evitá-lo deve manter-se em contato com a experiência da qual se sustenta, “deve abrir a leitura aos fundamentos de uma experiência”. Com essas palavras, Fédida parece aludir a um *trabalho metapsicológico* no qual os

Jogo e sentido

A reflexão de Fédida a respeito do jogo, do brincar, centra-se não somente nas relações deste com o sonho, mas também nas relações que ambos possam ter com a questão do surgimento do sentido. Jogo e sentido dizem respeito à criação poética e ao estatuto da fala no tratamento. O lapso, o ato falho, a escuta flutuante do analista, “operam sobre as palavras e comportamentos um jogo de des-significação que faz surgir o sentido. O sentido surge por des-significação, por ‘desprendimento’ da significação”. É ao observar como uma pequena paciente estabelece com ele jogos fônicos e corporais que implicam a forma do objeto e sua capacidade de transformação imaginária que Fédida recorre à noção de *objeu*. O que ele observa é um *prazer de coisa*, em que a fala pode fazer o que quer que seja de qualquer coisa. A voz mantém com a coisa um contato *estético* que é anterior à constituição conceitual do objeto. Trata-se, para ele, de um dado *tonal* imediato, uma *fala corporal* que dá lugar a uma criação poética. Apoiando-se em concepções de Biswanger e Heidegger, Fédida enfatiza esta dimensão estética e poética do objeto, designando-a como “direção de significação”. Se, como ele lembra, a constituição do objeto decorre da interdição superegóica pela qual se estabelecem o juízo de existência, o juízo de atribuição e a exterioridade, “o espaço de um tratamento”, por outro lado, “corresponde, justamente, ao que pode acontecer entre palavras e coisas, *lá portanto onde o objeto pode reencontrar seu jogo*”.⁸

No discurso que repousa sobre a sintaxe e as palavras-conceitos, a

fala está morta, ignora sua própria fonte poética e criadora e é incapaz de trazer à voz a materialidade das coisas, sua substância e forma. O prazer de produzir palavras e fonemas, a corporeidade da fala é o que lhe confere sua capacidade de ser metáfora, de transportar a materialidade. “A metáfora supõe este espaço de encontro e jogo entre as palavras e as coisas”, diz Fédida. “A palavra joga com as coisas *um encontro de surpresa*”.⁹

Todo desvelamento, seja ele lúdico, poético ou pictural, implica uma relação entre a fala e as coisas que ultrapassa seu uso sintático, instrumentalizado. Encontram-se questionados o sujeito, sua subjetividade, o objeto e sua objetividade. É por isso que Ponge, novamente citado, coloca a escrita poética entre a “ousadia” e os “escrúpulos”. O empenho de Fédida é em aproximar o momento do surgimento da metáfora na escrita poética ao momento de encontro psicoterapêutico, que implica também um reencontro de possibilidades de sentido. O par “ousadia/escrúpulos”, enunciado por Ponge, aplica-se ao duplo movimento tanto do poeta, ao escrever o verso, quanto do terapeuta ao enunciar a interpretação.

Ao estatuto do objeto enquanto objeto poético corresponde uma subjetividade concebida como o emergir de um impulso, do *sub* ao *jet*. “É o lugar corporal da fala”, diz Fédida, identificando na noção de subjetividade um movimento de “lançamento de si” em que o *si mesmo* é lançado na fala, como o *objeu* é lançado no jogo. A fala lança o si mesmo num espaço de fruição e descoberta, atualizando as experiências inaugurais da criança com o reter e o soltar o seio, a separação e o reencontro, o mover e o ser movido, a atividade e a passividade. A simultaneidade, a dualidade dessas sensações, presentes desde o jogo originário da criança, irá repetir-se no jogo com obje-

tos elásticos ou oscilantes. Estas são as sensações que introduzem a criança na ambiguidade do comportamento humano e na ambiguidade do mundo, precursoras da ambiguidade da fala.

Procurando tornar mais claro o uso que faz dos termos, Fédida elabora uma síntese em que se articulam o objeto, a coisa, a fala e o *objeu*. O objeto é, então, contemporâneo da percepção e do julgamento, fazendo parte de uma organização funcional e simbólica do mundo exterior que repousa sobre “unidades conceituais” perceptivas e motoras. Por outro lado, a coisa

O *objeu* é a metáfora espacial do encontro entre palavras e coisas.

participa de uma comunicação elementar entre o *sentir* e o *se mover*. É realidade estética, ante-predicativa e pré-conceitual e, como tal, apresenta-se na experiência estética poética e pictural. Seguindo o pensamento de Heidegger, Fédida diz que ela “acolhe e reúne”. A ontologia da fala sustenta-se, por sua vez, nesta corporeidade da coisa, sendo articulada às sensações e movimentos do reter e do soltar, de prender e de lançar e implicando a significação existencial do tempo e da subjetividade. O *objeu*, finalmente, objeto poético e de jogo, constituiu-se como metáfora espacial de um tempo de encontro entre palavras e coisas. Sua investigação psicaná-

lítica implica o lançamento do objeto no jogo, sua aparição e desaparecimento. Encontra-se no espaço/tempo constitutivo da subjetividade, região em que ocorre toda a criação autêntica e que, em psicoterapia, evidencia-se pelo retorno do jogo entre fala e coisa. Um papel fundamental é atribuído à relação entre o bebê e a mãe, relação dominada por um *ritmo* de trocas que é fonte de sentidos para os comportamentos ativos e expressivos da criança. Este ritmo institui uma “historicidade fundamental”, expressão que Fédida empresta de Hippolyte, articulando a emergência do sentido entre a presença e a ausência.

“A infância é o meio e o mediador da relação entre o analista e seu paciente: tem por pousada a presença corporal do analista, no sentido em que ela é *atividade da amnésia posta em jogo* e assim da aptidão espontânea para criar e recriar o encontro”. A aptidão de jogar não se refere a uma habilidade técnica para brincar com a criança, mas a uma disposição pessoal e uma presença corporal. O corpo do terapeuta é todo o tempo despertado pela presença da criança para ser tomado pelo que vê e escuta, disponível em sua mobilidade cinestésica mais do que em sua atividade motora. É esta presença corporal, esta disponibilidade, que Fédida encontra em Winnicott, presente tanto em sua prática quanto em sua vida, perceptível na atitude, na postura e na escrita. Em Winnicott presentifica-se a dimensão transferencial e contratransferencial da capacidade de brincar. A posição específica de Winnicott evidencia-se pelo emprego do tempo ativo do verbo - *playing* - que ele utiliza ao invés de *play* ou *game*, o que indica a presença corporal e a inclusão permanente do sujeito. (É o *brincar* que em português conserva esta dimensão ativa do verbo, mais do que as expressões *jogo* ou *brincadeira*).

A escrita, particularmente a escrita poética, é da mesma natureza do brincar. "Escrever - como brincar e desenhar - é ato de si ao outro, entrelace do aparecer e do desaparecer, velamento e desvelamento de um objeto inominado e inominável". O brincar é o espaço/tempo de ontogênese da forma, o espaço corporal da transformação, nem dentro, nem fora. Na escrita, a metáfora é este espaço, este intervalo em que "o acontecimento semântico é desligado da discursividade explicativa ou descritiva da frase". Escrever, como brincar, é criação de sentidos por des-significação de conteúdos e vivências conscientes. Quando a escrita é intensamente erotizada já não se pode brincar, pois o brincar está a serviço do prazer elementar do contato e, se conteúdos simbólicos encobrem esta função, surge o impedimento. Sendo o brincar um encontro de surpresa, implica em encontrar a si mesmo onde não se esperava.

Ao longo de uma extensa passagem do texto, o autor examina com delicadeza o estatuto do brincar, tecendo inicialmente uma crítica às psicoterapias em que o jogo é reduzido a um recurso técnico. A seu ver, muitas vezes ocorre uma

A capacidade de brincar do analista é o que pode produzir a área de jogo, o espaço de encontros e acontecimentos surpreendentes, e tem particular importância na análise de pacientes adultos: "Frequentemente, é na análise de adultos que a infância e o brincar se evidenciam plenamente e se tornam o ponto germinativo da cura. A prática da análise de crianças enriquece a criatividade e a mobilidade do analista que se dedica principalmente aos adultos". Importa, para Fédida, que com cada paciente o analista descubra em si próprio a cena ou a área corporal do jogo. A escuta deve propiciar que se desene uma percepção singular da criança oculta. O brincar possibilita ao analista não ser excessivamente presente, não ficar paralisado em torno da queixa. A presença do analista, modulada pelo brincar, espacializa e temporaliza a ausência. Rompe-se assim o cerceamento em que, muitas vezes, o adulto procura proteger-se de sua própria capacidade criativa, e abre-se o espaço do brincar que, no adulto, reflete-se nas escolhas de palavras, assim como no tom da voz. Trata-se de recuperar na fala o que ela traz do gesto, ligando-a à sua ar-

peçoal. Há aí, portanto, seus resíduos não analisáveis. A teoria é produto da subjetividade do analista, do que emerge de seu ato como pensamento. "Como se a teoria efetuassem, ao nível do conceito e de sua operatividade, uma 'pesquisa' de um 'objeto' cuja ausência implica toda a dinâmica do questionamento".

Em Winnicott, como em Heidegger, há uma referência ao modo de estar no mundo e habitá-lo. Estar no corpo é um tornar-se presente e Fédida reconhece a dificuldade de articular a dimensão temporal da presença a uma relação corporal com o espaço. Pensa então que a *presença* do analista tem uma relação fundamental com o tempo. Ela ancora a fala e propicia que se articulem presença e ausência, conotando o momento de acontecimento do sentido. No espaço psicoterapêutico ocorre uma ruptura disjuntiva marcada pela dissimetria dos lugares, divã/poltrona, e do discurso, fala/silêncio, condição para que se apresente o não sabido que a fala contém. A posição do analista e seu silêncio sustentam um vazio, um intervalo, que acolhe a ilusão. O não preenchimento discursivo instaura a des-significação e o jogo. O poder do negativo, do vazio, do intervalo é a característica diferencial da prática do psicanalista.

Para Fédida, nenhuma situação artificial de observação permite que se registre o brincar, no sentido experiencial que tem para Winnicott. Aí residem as dificuldades da própria escrita psicanalítica, pois é impossível capturar e sustentar o momento ativo da transformação do sentido. Trata-se de buscar uma escrita que redobre em seu movimento de constituição aquilo que ela busca registrar, que transporte o espanto e a surpresa do jogo entre a presença e a ausência. Assim é a escrita de Winnicott e é este, para Fédida, o espaço da teoria na psicanálise. Teorizar é um brincar trans-

A presença do analista, modulada pelo brincar, espacializa e temporaliza a ausência: rompe-se o cerceamento em que o adulto procura proteger-se da sua própria capacidade criativa.

fetichização dos recursos que instala uma "supremacia da representação sobre a presença". É afastada de cena a própria infância do analista, sua área autêntica de contato, permanecendo apenas um semblante do brincar.

ticulação corporal. "A função poética da fala do analista é a de seu esboço gestual".

A importância e o lugar do brincar só puderam ser descobertos por Winnicott a partir de sua própria prática e de seu estilo

formado que pode ser percebido no funcionamento metafórico da teoria. Se os conceitos se cristalizam em objetos simbolizados paralisa-se o brincar. O jogo metafórico de transformação e des-significação deve ocorrer também com os conceitos, pois é isto que os protege da dogmatização. Referindo-se ao artigo de Nicholas Abraham, "A casca e o núcleo", Fédida lembra que a des-significação é o próprio processo pelo qual os conceitos são produzidos.

Em relação ao brincar, faz mais sentido falar em leitura do que em observação, pois a leitura, como o brincar e o escrever, mobiliza e investe espaço potencial. No pensamento de Winnicott, como assinala Fédida, o verbo *brincar* permanece disponível e presente, sem dissociações entre *brincar de* e *brincar com*. O verbo é a presença da pulsão na fala e isso muitas vezes é empobrecido na psicanálise por uma inflação terminológica. A pulsão enquanto verbo sustenta direções de significação sem aprisionamentos semânticos. O brincar não deve, então, ser reduzido à linguagem simbólica. Isto seria "ignorar que o mundo é, pelo brincar, ao mesmo tempo fundado e desvelado, ocultado e trazido à luz, explorado como ausência e reencontrado como presença ..."

Sendo ato poético, a metáfora implica um escutar que transcende o compreender. "É o acontecer, na fala, da significância temporal da língua." As direções de significação implícitas na metáfora indicam a incidência da pulsão na transferência e na contratransferência. Então, "a fala do paciente deve encontrar na escuta do analista uma possibilidade de germinação". O analista é assim solicitado em sua capacidade criati-

va, ou seja, em sua capacidade de renovação permanente na interpretação. Esta capacidade alimenta-se, diz Fédida, das próprias atividades criativas do analista em sua vida pessoal, "na via estética da sua relação com as coisas". Winnicott mencionava atividades manuais, artesanais, do analista, como sendo a fonte desta capacidade.

A metáfora, portanto, não se reduz à precipitação dos elementos de uma *Gestalt*, ao efeito de determinações estruturais ou a uma metabolização. Seu modelo não é

Teorizar é um brincar transformado, que pode ser percebido no funcionamento metafórico da teoria.

digestivo, mas criativo. "A metáfora é gesto não visível e não representável na fala". O brincar, então, é o gesto da metáfora tornado visível, que articula a permanente alternância entre a des-significação e o surgimento do sentido. O brincar não pode ser simplesmente narrado, pois participa de uma experiência de *aesthesis* que tem de ser transportada para a fala que procura apreendê-lo. Neste sentido, aproxima-se do sonho, da pintura e da escrita poética, embora essas produções não se reduzam uma à outra. Talvez sejam antes, cada uma delas, transformações do brincar.

Mais além do fort-da

Ao abordar o jogo do carretel narrado por Freud em *Mais além do princípio do prazer*, Fédida refere-se à sua condição paradigmática na psicanálise, da tentativa de domínio simbólico da ausência e de seu objeto. As observações de Freud o caracterizam como um jogo de substituição simbólica relativa a uma renúncia à satisfação da pulsão. O jogo busca transformar o afeto e dominar seus efeitos e abre a questão da conciliação entre o princípio do prazer e a reprodução de um acontecimento penoso. Freud também observa que se trata de um esforço de passagem da passividade à atividade, inversão que pode propiciar outra modalidade de prazer - o domínio de um acontecimento marcante - mas interroga-se se este último pode conciliar-se com o desprazer da ausência da mãe, a ponto de sustentar sua reprodução no jogo.

Procurando desprender-se das explicações de Freud, Fédida assinala que antes de ser um jogo de carretel, de ida e volta, o jogo é de jogar longe o objeto, de ausentá-lo. Há prazer em jogar e a fruição solicita a repetição. O jogar fundamenta a diferenciação de um fora e um dentro, uma exterioridade e um corpo próprio. Mas não é só o objeto que desaparece ao ser jogado. Jogar é também se fazer desaparecer, especularmente, para o objeto e restituir-se para si mesmo. Assim, "a mãe se torna espelho por sua ausência", pois quando ela se ausenta é o próprio ego que se constitui ou se restitui. Dessa forma, o objeto perde a negatividade que tinha por sua ausência.

Fazer desaparecer os objetos está dentro do jogo do carretel. Um

jogo dentro do outro estabelece um mecanismo que permite pensar a lógica inconsciente e a atividade implicada na psicoterapia. "A fala do paciente no divã, em relação com a escuta, revela esta permanência arcaica do *brincar de jogar longe os objetos* e confirma sua pregnância de repetição na compulsão".

A negação, solidária
à projeção, permite
um desdobramento
imaginário,
pensamento ativo.

As noções de *horizontalidade* e *verticalidade* são utilizadas por Fédida para distinguir duas direções de significação que remetem à relação do homem com o espaço e com o tempo. Próximo e distante, próprio e estranho, interior e exterior referem-se a uma *horizontalidade* sem descoberta interna da morte. Já a *verticalidade* remete à angústia de aniquilamento, desabamento e queda. O movimento de jogar longe os objetos revela a dimensão da horizontalidade mas é ambíguo quanto ao que nele a verticalidade da morte pode significar. A morte toma seu sentido da descoberta de uma nova temporalidade que implica numa relação diferente tanto com os outros quanto consigo mesmo e, para articulá-la ao jogo do carretel, Fédida reflete sobre o luto, a depressão e a melancolia.

A melancolia, diz ele, é correlativa do narcisismo e da ligação do si mesmo ao outro. A verticalidade da morte põe em jogo a conservação de si. A desaparecimento do outro sem perspectiva de reversibilidade, sem jogo, pode revelar à criança a capacidade de pôr o mundo em movimento e promover o desvelamento estético do tempo, que possibilita o projeto de existir e ser sujeito. Mas a ameaça do desaparecimento de si também se apresenta, correspondendo às metáforas de "desabamento" e "queda". Daí o esforço de retomar, de conservar a "criança morta" para conservar a si mesmo.

A depressão, por sua vez, é correlativa da ausência, não da morte. Implica a ligação do outro ao si mesmo. O si mesmo é conservado num adormecimento velado pelo outro e o sono protege da verticalidade da morte. Na depressão é concebida uma figura materna que não suporta ausentar-se, que vela uma "criança adormecida", não permitindo, portanto, a restituição do si mesmo. Reciprocamente, a mãe que não se ausenta também não pode ser recriada. Não havendo separação psíquica não pode haver trabalho de sonho. Há permanência na horizontalidade.

O luto, finalmente, é correlativo a um trabalho, à separação psíquica. Implica um tempo de produção, corresponde ao sono com sonhos. Morte e ausência, com suas referências de verticalidade e horizontalidade, podem articular-se. O trabalho do luto inscreve a morte e permite habitar esteticamente o próprio corpo, por meio da descoberta do ritmo, da cinestese, da criação. A superação das defesas depressivas de evitação da morte promove uma reestruturação temporal e a inscrição do corpo nessa nova temporalidade. O registro de "queda", o vertical, abre também a perspectiva de ascensão como sujeito e do projeto de existir. Fédida assinala que "a questão do objeto

em psicanálise tem sido colocada, inevitavelmente, não em relação à morte mas em relação à ausência que na repetição toma seu sentido da ausência da mãe". Desta maneira, o objeto é pensado somente na dimensão da horizontalidade e não a partir de uma *perspectiva* na qual o discurso teria uma função organizadora da relação e da história dentro da cultura. Para a criança, contudo, a morte não se articula ao jogo e ao *fort-da* do mesmo modo que a ausência. "A morte não pode fazer o papel da ausência".

O gesto de jogar longe os objetos, sequência inicial do jogo do carretel, é acompanhado da emissão de um som que sublinha o poder físico do ato, manifestando júbilo e fruição. Nesse momento, segundo Fédida, o que se expressa é uma presença ante as coisas ainda não figural, marcada pelo ritmo e pelo tom. "A forma está a caminho de uma efetuação". Mas já aí é um ato de criação.

Buscando aproximações entre o jogo do carretel e a *Verneinung*, Fédida assinala que a negação é solidária da projeção, do *jeter*. O jogar longe, afastar, implica o reconhecimento do que é jogado, assim como poder ser negada é condição inerente a que uma fala possa ser dita. A ambivalência do sim e do não é o impasse da fala em busca de reconhecimento. Mais do que aceitação, a negação comporta uma admissão, uma *annahme*. A análise não levanta o recalçamento, ela faz admitir o recalçado. A negação, solidária à projeção, permite um desdobramento imaginário que torna o pensamento ativo, interpelador. Reinstaura-se uma função especular do pensamento do outro a quem uma idéia é atribuída, e é poupado ou conservado aquilo que se procurava rejeitar. Aparece aí, numa figura sugerida por Fédida, a função que cabe ao fio no jogo do carretel. A negação é jogar longe o que se quer rejeitar mas sem poder cortar o fio.

O jogo do carretel e a *Verneinung* mantêm entre si referências complementares. Há sempre uma negação presente no jogo (desde que se tenha em mente que em psicanálise a negatividade está como formulação do impensável e não se reveste de um caráter imaginariamente negativo). Apoiando-se em Benveniste, Fédida lembra que o julgamento de existência precede o de não existência e portanto a negação está sempre submissa ao enunciado daquilo que ela nega. Daí derivam certos momentos de impasse na situação analítica em que, pela via da negação e da projeção, é constituído imaginariamente um outro que funciona como duplo identificatório, investido da onipotência do desejo inconsciente. Fédida relembra então a importância do *holding* enquanto constituinte de um *intervalo de jogo*, um *espaço potencial* que permite “traçar um limite assinalável à realidade psíquica do paciente e às suas manifestações”.

A afirmação e a negação têm, como lembra o autor, uma origem mítica corporal que se expressa na linguagem da pulsão oral. Trata-se da incorporação do bom e da expulsão do mau que caracterizam o funcionamento do Ego-prazer. Freud utiliza o termo *werfen* - jogar, *jeter* - para conotar o que é expulso, rejeitado, *verwerfen*. Entre os extremos da incorporação e da expulsão não há jogo possível. Na linguagem oral primitiva a fala que rejeita não pode conservar o que ela afirma. No funcionamento simbólico que caracteriza a *Verneinung*, por outro lado, é possível ao pensamento atravessar os limites do recalcado e re-utilizá-lo, ainda que o recalçamento não seja suspenso.

Essa origem corporal mítica fundamenta a organização espacial do par *dentro e fora*, que não se define apenas por sua oposição. O par dentro e fora sustenta mas não pode ser confundido com outras oposições complementares, como inte-

rior e exterior, subjetivo e objetivo. A dialética desses pares engendra as imagens que comandam o pensamento do positivo e do negativo (próximo e distante, próprio e estrangeiro, aqui e lá). Os diversos pares deixam entrever, pensa

riamente para acolher qualquer cena. É um espaço com poder de transformação.

O enquadre, aparentemente um limite convencional e formal, adquire sua dignidade técnica na medida em que é tomado pela

O jogo do carretel e a *Verneinung* mantêm entre si referências complementares. Há sempre uma negação presente no jogo.

Fédida, uma geometria ou topologia poética de um *espaço de dentro* e de um *anti-espaço de fora* que desafia a representação. O *fora* é o que não cabe no *dentro*, que é o espaço que se constitui. Fédida pergunta-se se o fora não é o sítio da ausência sem espaço, o lugar de onde o ausente retorna, constituído pela rejeição. Sugere ainda que no jogo do carretel o “lá longe” toma seu sentido nesse fora, e que o jogo tenta articular em seu vai-e-vem essa escansão do dentro e fora.

Ao pesquisar modos de habitar, a arquitetura busca uma compreensão tópica das relações entre o dentro e o fora. Algo de semelhante está em questão quando a psicanálise passa por modificações técnicas que contemplam as noções de habitar em si mesmo e no corpo, e a sessão pode ser concebida como um espaço em que se habita. A sessão, reflete Fédida, é *dentro*. O espaço terapêutico, como o sonho, é contornado por uma imobilidade aparente constituída pelo divã, a poltrona e os demais elementos constantes do enquadre, mas pode ser mobilizado imagina-

mobilização imaginária, dando lugar a uma arquitetura fantástica. O próprio corpo do analista é incluído nessa arquitetura e definido topicamente como situação de sustentação. Daí a necessidade de constância do que é essencial ao estilo de presença pessoal do analista, e de atenção aos efeitos das mudanças, tanto de atitudes quanto dos elementos concretos do *setting*. Detalhes do cotidiano e da criatividade silenciosa integram-se a um estilo e fazem parte da maturação de uma prática. O enquadre funciona como limite transitório para “aproximações” a um modo de fazer impossível de se fixar e “a variação devolve ao enquadre o poder de mobilidade dos objetos imóveis e subtrai o rigor da regra à ameaça de uma rigidez da forma”.

A escansão do dentro e do fora, enfatiza novamente o autor, não se coaduna com a oposição interior e exterior. O *dentro* leva o signo do *em si*, da propriedade íntima. Dentro e fora sustentam uma polaridade rítmica, uma dinâmica de engendramento recíproco, de efetuação essencialmen-

te sensório motora, próxima do “engendramento rítmico da forma”. Nessa bipolaridade é constituído o espaço do jogo, por meio da mobilização motora dos limites que é experimentada no sentir-se mover. Fédida menciona E. Strauss, para quem “o corpo é mediador entre o Eu e o mundo e portanto não pode pertencer inteiramente ao interior ou ao exterior”. Assim, interior e exterior não podem ser expressões espaciais e sim noções psicológicas. A noção de interior espacializa a subjetividade (mundo interior) e Fédida interroga-se sobre “a função dessa oposição interior e exterior na teoria psicanalítica bem como na metáfora de um espaço psíquico com o qual o tratamento é congruente”.

Em Freud, o par interior e exterior aparece no texto da *Verneinung*, como oposição que permite estabelecer o estatuto da representação em relação à realidade exterior. Esse par também serve de critério para o conceito limite de pulsão. A noção de interior refere-se ao mundo das excitações constantes das quais não se pode fugir. O interior é o “mito referencial” da fuga impossível, da ineficácia e suspensão da mobilidade. A pulsão, então, apresenta-se na fala. Assim, na fala em análise há apenas o interior, o pulsional. Para Fédida, esse interior de que Freud fala é o interior do organismo, fonte mítica da pulsão.

O par subjetividade e objetividade só interessa, em Freud, na medida em que importa conhecer de que subjetividade é feito o objeto. Para Fédida, a noção de subjetividade só pode articular-se em função de significações ligadas à temporalidade e à historicidade. O que lhe interessa é o sujeito do jogo, derivando sua noção de subjetividade da que é formulada por Francis Ponge, como uma pressão vinda do fundo de si que se joga para o exterior.

Para tentar delimitar novamente o campo de sua reflexão, Fédida retoma o segundo ato, o jogo do carretel propriamente dito. Sobre esta sequência do jogo ele questiona o significado da ausência da mãe. O *fort-da* torna-se paradigmático na teoria e na prática psicanalítica a partir de certas referências propostas por Freud. Primeiramente, o jogo é interpretado como uma encenação de uma fantasia de desejo. No espaço do jogo desenrola-se uma cena e, portanto, o jogo é assimilável ao paradigma do sonho, como efeito de um trabalho, como função de uma elaboração. Já tomando como referência a neurose-traumática e a

O *objeu* é o
“assassinato da coisa”,
efeito da sua
des-significação.

repetição, o jogo também pode ser entendido como uma reminiscência amnésica e um esforço de assimilação que desafia, em Freud, a primazia do princípio do prazer. A vivência traumática que é posta em cena é a ausência da mãe e o mecanismo em funcionamento é a transformação no contrário, que tem a função operatória de permitir a passagem do passivo ao ativo. Vai sendo destacada a função de domínio por meio da inscrição.

Para Fédida, é possível fazer avanços sobre essas formulações. O jogo do carretel não pode simplesmente assimilar ausência e morte. Para Lacan, assim como para

Heidegger, citados por Fédida, a morte corresponde não à negação (não existência) mas à negatividade. O “assassinato da coisa” abre a possibilidade do símbolo e essa morte não pode ser conteúdo de uma representação ou tela de uma figuração traumática. Enquanto negatividade, a morte da coisa permite que no símbolo se eternize o desejo. Não se trata então de representar a morte através da ausência, do vai e vem do carretel, mas de que é essa morte que inaugura a representação. É essa concepção do jogo do carretel que se abre com a noção de *objeu*. O *objeu* é o “assassinato da coisa”, efeito da des-significação que permite ao objeto tornar-se disponível, suspender-se em sua materialidade de coisa e ser feito do que se quiser. O jogo é pré-figural, é potência de simbolização e não seu efeito.

As referências oferecidas por Freud permitem articular o jogo ao esforço de domínio onipotente da ausência, na medida em que jogar o carretel e segurar o fio corresponde a tornar ativa a forma passiva do *temor de ser abandonado*. Uma compulsão a manipular intervém na angústia de ser manipulado e aí o jogo do carretel perde sua característica de jogo no sentido do brincar. O brincar dá lugar a um modelo de manipulação pulsional.

Seria possível pensar a manipulação tendo como referência o “deixar cair”, ligado não a um evento traumático mas a uma ruptura do *plano da ilusão* do corpo ambiente da mãe. A angústia de abandono expressa-se na análise pela sensibilidade de alguns pacientes à qualidade de verdade do *holding*. O esforço de manipular o analista testa a capacidade deste de não deixar cair o paciente e dificulta o estabelecimento da *área de ilusão*. Promove no analista um agir pela fala, que torna-se onipotente e asseguradora. O analisando segura o fio e brinca de carretel com o analista. Cabe a este último, nestas si-

tuações difíceis, recuperar a sua capacidade de brincar, manter o enquadre justo que permita “cortar o fio da manipulação”. A dissimetria em que é concebido o intervalo da análise implica o poder da ilusão e permite o funcionamento criativo. Quando isso não se instala, o que surge em seu lugar é um logro e nada será suficiente como garantia contra o abandono. A compulsão a manipular evoca uma dinâmica pulsional em que a criança é lançada pela sua passividade diante da aparição e desaparecimento da mãe. “É a repetição da mãe, a mãe como repetição, a repetição como mãe”. A situação transforma-se em jogo apenas quando a criança introduz o barbante e a expressão sonora.

A conservação do enquadre e a constância da presença são os fatores que incidem sobre a repetição e abrem o espaço de jogo. “A escuta do analista torna-se um ato de linguagem pelo qual a fala pode desligar-se, quer dizer, desligar de si o sujeito que ficou a ela amarrado”. O jogo, como o humor, promove uma des-significação e fazer aparecer ou desaparecer torna-se espaço de novas possibilidades de sentido. Para Fédida, o fundamental no jogo do carretel não é a ausência da mãe propriamente, mas “a descoberta do sentido como ausência e o jogo encontra seu poder na criação do efeito de sentido pela ausência”.

Há ainda em Freud um terceiro ato do jogo do carretel, quando o bebê recebe a mãe comunicando-lhe sua descoberta de que pode fazer desaparecer a si mesmo no espelho. Ele descobre a *ilusão da ausência* e só então pode estar só e brincar. Enquanto não ocorre este terceiro tempo, a criança fica cativa de uma ausência, presa a uma passividade da qual não é sujeito. A partir da descoberta de que o espelho devolve sempre a imagem, já não é necessário ficar preso pelo barbante. O espelho permite o reconhecimento sem a captura.

Para concluir suas reflexões, Fédida assinala que observa-se na psicanálise uma inflação da noção de objeto de modo que novas significações simbólicas são logo semantizadas, mesmo que o próprio conceito de objeto tenha surgido para des-significá-las. A seu ver, atribuir conteúdos ao objeto é visar às organizações semânticas, arriscando com isso substancializar as operações da psicanálise. As palavras do próprio autor, na conclusão de seu texto, são as mais justas para explicitar um pensamento no qual a noção de objeto é resgatada, na virtualidade de sua dimensão estética:

“Falei do *objetu*. Um modo de lembrar a função de des-significação do *brincar* e modo também de dizer que o trabalho analítico não está distante deste texto do qual o objeto está excluído e em que o sujeito é apenas aquele que brinca de aparecer e desaparecer. A ausência é o poder do sentido e brincar é o ato de destruição poética do objeto e do sujeito. Aí se encontra a criação”.

O analista em trabalho

O risco de substancialização e a rápida semantização são tendências que inclinam a psicanálise da direção de um saber discursivo, representacional, até metafísico, na opinião de alguns.¹⁰ Não é essa, no entanto, a sua situação de origem e nem tampouco, o seu destino inelutável. Embora assujeitado a um modelo de produção cultural e científica de tradição cartesiana, o pensamento de Freud tem como espaço inaugural, matricial, a experiência de clínica e sua própria auto-análise. É em situações da natureza de um espaço potencial, imerso em suas vivências, seus atendimentos e leituras, que Freud *encontra e cria* a própria metapsicologia. Nela, as representações-palavras-conceitos são produto de um processo de des-

significação que as destitui do sentido comum que compartilham na fala comunicacional e, como assinala Nicholas Abraham, são transformadas em figuras de uma “anti-semântica”.¹¹ Reencontram assim sua potência figural e poética que cabe a cada analista sustentar em sua prática e sua atividade teorizante.

Cabe indagar sobre as condições de possibilidade de cada um para tomar a própria metapsicologia como *objetu*, no sentido ao qual nos apontam as reflexões de Fédida, transformando-a no espaço de um fazer constante. Em diversos outros trabalhos, este autor menciona a *atividade metapsicológica*, aproximando-a da escuta flutuante, constituindo-se como um *espaço potencial* que restitui à metapsicologia sua potência de des-significação, abertura de sentidos e novos engendramentos. Delineia-se assim uma *metapsicologia flutuante*, em que se transporta e relança o que fica em suspenso na análise pessoal, na clínica, nas experiências transferenciais. O *trabalho de escrita* de autores como Winnicott e Fédida ganha sua importância na medida em que contribui para manter aberta nessa atividade sua dimensão primeira e criativa do brincar. ✎

NOTAS

1. D. Winnicott, *O brincar e a realidade*, Rio de Janeiro, Imago, 1975, p. 93.
2. J. B. Pontalis, *Perder de vista - da fantasia de recuperação do objeto perdido*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991, p. 124.
3. S. Freud, Carta a Abraham, 5 de julho de 1912.
4. D. Winnicott, “Teoria do relacionamento paterno infantil” (1960) in *O ambiente e os processos de maturação*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.
5. D. Winnicott, *O brincar e a realidade*, p. 9. Ver também Z. Loparic, “Winnicott e Heidegger - afinidades” in *Boletim de Novidades Pulsional*, nº 69, Jan. - 1995, p. 53 e 54.
6. P. Fédida, “L’objet. Objet, jeu et enfance. L’espace psychotérapeutique”, in *L’absence*, Ed. Gallimard, Paris, 1978. Salvo nota específica, todas as citações a seguir atribuídas a Fédida foram extraídas deste texto.
7. D. Winnicott, op. cit., p. 59.
8. Grifo meu.
9. Grifo meu.
10. Z. Loparic, op. cit., p. 54.
11. N. Abraham, “A casca e o núcleo”, in *A casca e o núcleo*, S. Paulo, Escuta, 1995, p. 197 ss.